

ÉTICA E CIDADANIA: O DESAFIO DOS NOVOS VALORES

José Pedro Teixeira Fernandes

Conferência

Viver com Sabedoria

Painel temático «Ética e Cidadania»

Universidade Sénior

Auditório da Fundação António Cupertino de Miranda, Porto

14/Abril/2005

Índice

1. Conceito(s) de Cidadania
2. Conceito(s) de Ética
3. A evolução/revolução da consciência ética
4. As principais consequências da evolução/«revolução ética»
5. Bibliografia

1. Conceito(s) de Cidadania

No Dicionário de Língua Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa pode encontrar-se a seguinte definição de cidadania:

«Condição ou qualidade de cidadão, membro de um Estado, de uma Nação ..., no pleno gozo dos seus direitos políticos, cívicos e deveres para com esse Estado ou Nação»

Por sua vez, o referido dicionário propõe a seguinte definição de cidadão:

«Pessoa que na Antiguidade Clássica pertencia a uma cidade [a *pólis*] e gozava do direito de cidadania [...] pessoa em plena posse dos seus direitos civis e políticos para com um estado livre e sujeita a todas as condições inerentes a essa condição [ou seja, a direitos e deveres].

Em síntese, historicamente a cidadania está estreitamente ligada ao Estado-Nação. Será que hoje essa realidade se mantém inalterada?

2. Conceito(s) de Ética

«Ética» e «moral» são dois termos que pela sua origem etimológica podem ser considerados equivalentes:

- i) Ética remete para a raiz grega da palavra (*ethos*);
- ii) Moral é a palavra latina equivalente, proposta por Cícero para traduzir a palavra grega «ética», que remete para uma raiz latina (*mores*);

Há, no entanto, duas tradições de distinção entre ética e moral:

- i) a Ética é uma reflexão sobre os fundamentos da Moral (ou seja, é uma espécie de metamoral);
- ii) a Moral é universal e a Ética é particular.

Independente de qualquer definição que se possa dar, o mais importante é identificar os elementos centrais destes conceitos, os quais são:

- i) A afirmação da existência valores;
- ii) Os valores permitem a distinção entre o bem e o mal;

- iii) Os valores levam à formulação de regras de conduta humana e social;
- iv) A conduta humana deve respeitar os valores e as regras de comportamento que daí resultam.

Porquê, então, se tende a usar a palavra «ética» em detrimento da palavra «moral»?

- i) A palavra «moral» tem conotações mais marcadas e associadas ao passado (é associada a religião, dever, tradição, etc.) sendo a palavra «ética» mais neutra e «progressista»;
- ii) A «moral» tende a ser mais associada à vida individual, enquanto a «ética» surge como mais relacionada com a vida social, económica, política, etc.

3. A evolução/revolução da consciência ética

I - A consciência ética tradicional: deveres/sacrifícios/Estado-Nação homogéneo

Tradicionalmente, a consciência ética nas sociedades ocidentais está associada a uma ética do dever, por razões históricas e culturais profundas, cujos principais marcos são :

- a) Na Antiguidade clássica – a escola da ética estóica (ou estoicismo);
- b) No Cristianismo medieval – a assimilação entre o estoicismo clássico e os deveres de base religiosa do Cristianismo;
- c) No Iluminismo do século XVIII – a consciência do dever começou a separa-se da sua base religiosa tradicional, para dar lugar a um novo catálogo de deveres laicos não menos exigentes. O modelo de cidadania laica de «deveres» apelava aos seguintes valores, dentro do Estado-Nação:

i) às obrigações morais do homem e do cidadão para com a família e o Estado-Nação;

ii) ao ideal do desinteresse e do esquecimento de si próprio;

iii) à promoção das virtudes privadas e públicas;

II – A nova consciência ética: direitos/prazer/causas humanitárias/ambiente

Esta nova consciência ética resulta de uma «revolução ética» que se começou a impor a partir da 2ª metade do século XX, e tem essencialmente as seguintes origens filosóficas:

- Na escola hedonista/epicurista da Antiguidade clássica;

- No utilitarismo anglo-saxónico dos séculos XVIII/XIX de Jeremy Bentham e John Stuart Mill, que recuperou de alguma maneira o epicurismo/hedonismo da Antiguidade clássica;

- No pensamento «pós-modernista» (por exemplo, de Michel Foucault influenciado por Friedrich Nietzsche) que denunciou os valores éticos tradicionais como sendo instrumentos de poder e dominação e olha com cepticismo ou rejeita os progressos da modernidade.

Por sua vez, em termos mais sociológicos, esta mudança da consciência ética deve-se também:

- à emergência da sociedade de consumo ao longo do século XX, onde a felicidade material é uma peça fundamental para o seu sucesso (ou seja, esta necessita de valores hedonistas para se auto-justificar e prosperar);
- ao aumento muito significativo da esperança média de vida e ao controlo da natalidade, pela via do planeamento familiar;
- o trauma europeu da colonização/descolonização e a emergência do chamado «Terceiro Mundo»: o «fardo civilizacional do homem branco» de que falava Rudyard Kipling, deu lugar à sua culpabilidade.

4. As principais consequências da evolução/«revolução ética»

Estas são muitas e complexas sendo difícil identificá-las e avaliá-las correctamente. Ainda assim, podemos enunciar algumas:

a) ao nível dos valores

Os direitos e a procura do prazer tendem a substituir o antigo ideal do cumprimento do dever e do esquecimento de si próprio (reforço dos valores individualistas e hedonistas).

«O facto moral absoluto é um direito e não um dever» afirma o filósofo francês da Universidade de Grenoble, Gilles Lipovetski;

b) ao nível da cidadania

A cidadania que tradicionalmente era apenas concebida no quadro do Estado-Nação, tem hoje outras alternativas «desnacionalizadas»:

«A cidadania global não é apenas uma frase no léxico dos futurólogos. É tão concreta e mensurável como alterações do PIB ou os fluxos de comércio», afirma o consultor de empresas japonês, Kenichi Ohmae.

- A alternativa da integração supranacional europeia («a primeira entidade política verdadeiramente pós-moderna»): ser «cidadão da Europa»;

-A alternativa universalista simbolizada pelas ONG's: causas transnacionais ligadas aos direitos humanos, ao ambiente, etc. (ser «cidadão do mundo»);

-A alternativa cosmopolita da globalização empresarial: a «cidadania empresarial-global», dada pela missão das grandes empresas multinacionais.

c) ao nível dos actores sociais das questões éticas:

- Tradicionalmente: a Igreja (catequese), a Escola (religião e moral), o Estado (difusão do espírito patriótico e de fidelidade ao Estado-Nação).

Actualmente há novos «actores da virtude», como outros programas éticos:

- organizações não governamentais (ONG's): direitos humanos, luta contra a pobreza, ambiente, direitos dos animais, etc.;

- os *media* e as personalidades do mundo do espectáculo (*show business*): habitualmente prosseguem as mesmas causas das ONG's, através de campanhas, concertos, epectáculos, etc. (exemplo, Bono Vox dos U2) ;
- empresas especialmente as grandes empresas: definição de uma missão abrangente que vai para além do lucro e tem em conta os interesses dos *stakeholders*, códigos éticos, mecenato, donativos em campanhas de ajuda humanitária, etc.

c) ao nível da socialização das crianças e jovens

- desfasamento ético entre o universo estudantil (essencialmente marcado por uma lógica direitos e pela felicidade prometida aos consumidores), e o universo do trabalho (bastante mais marcado pela existência de deveres que recaem sobre todos os que participam no processo produtivo de bens e serviços).

Bibliografia

Lipovetski, Gilles (1994), *O Crepúsculo do Dever. A Ética indolor dos novos tempos democráticos*, Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Mercier, Samuel (1999 [2003]), *L' éthique dans les entreprises* (trad. port., 2003, *A Ética nas Empresas*), Porto: Edições Afrontamento.

Moreira, José Manuel (1999), *A Contas com a Ética Empresarial*, Lisboa: Princípia.

Ohmae, Kenichi (1990), *The Borderless World: Power and Strategy in the Interlinked Economy* (trad. port., 1991, *Mundo Sem Fronteiras. Poder e Estratégia em uma Economia Global*), Rio de Janeiro: Makron Books.

Solomon, Robert C. (1991 [2000]), «Business Ethics» (trad. port., 2004, *A Ética Empresarial*, [www.http://criticanarede.com](http://criticanarede.com), 12 pp.) in *Peter Singer [ed.], A Companion to Ethics*, Oxford: Blackwell, pp. 354-365.